

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

DANIELA NUNES DA SILVA

**JORNALISMO E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO: A ESTEREOTIPAGEM DOS SUJEITOS
E DA CULTURA SURDA NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E NEXO JORNAL**

Porto Alegre
2022

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

DANIELA NUNES DA SILVA

JORNALISMO E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO: A ESTEREOTIPAGEM DOS SUJEITOS E DA CULTURA SURDA NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E NEXO JORNAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Kieling

Porto Alegre
2022

Ao povo surdo
Aos outros

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que devo agradecer. Não só por terem me ajudado e motivado durante a produção desta monografia, mas por serem presença, carinho e escuta durante esses anos de formação.

Agradeço a minha mãe, que mesmo no silêncio me conforta. Agradeço aos meus irmãos, Scheila, Henrique e Rafael por serem apoio. Aos meus sobrinhos Lais, Jhuan e Samuel por deixarem todos os momentos mais doces.

Agradeço às quatro amigas especiais que tenho no coração: Ágatha, Camila, Babi e Thais. Ao Núcleo de Apoio à Aprendizagem da PUCRS, em especial a Tânia e à professora Janaína. Agradeço pelas trocas, pelos aprendizados e por me receberem, com carinho, em todos os momentos.

Agradeço a minha querida orientadora, Camila, que topou me acompanhar nessa trajetória e que, assim como eu, acreditou na pesquisa e me motivou a cada orientação.

Agradeço a todos os professores que me auxiliaram a chegar até aqui e a todos aqueles que torcem e rezam por mim.

A inclusão [...] é ser respeitado nas suas diferenças
e não ter de se submeter a uma cultura, a uma
forma de aprender, a uma língua que não é sua.

Gárdia Vargas

RESUMO

As imagens e representações usadas para definir um determinado grupo influenciam diretamente no entendimento que se tem dele. O fato pode se tornar ainda mais frequente quando se trata de um grupo seletivo, que historicamente foi posto em um lugar de incapacidade e marginalização, como é o caso do sujeito surdo. O jornalismo é um dos principais agentes quando se fala em representação. É por isso que a presente monografia tem a proposta de entender como esse grupo vem sendo representado nos jornais Folha de S. Paulo e Nexo Jornal. A pesquisa aborda os conceitos básicos em relação à surdez, à cultura surda e às identidades. Para isso, conta-se com a contribuição de Strobel (2016), Perlin (2016) Gesser (2009), Gonçalves (2015) e Hall (2004). A fim de entender as ideias de representação e estereótipos, o estudo considera as concepções de Moscovici (2003) e Lippmann (2008). Além disso, a monografia apresenta uma análise de conteúdo de quatro matérias selecionadas, usando o modelo apontado por Bardin (2004). Na análise, foram identificados termos e nuances identitárias ligados aos sujeitos surdos, mas que, na realidade, não fazem parte da sua identidade e do modo de experimentar o mundo.

Palavras-chave: jornalismo; representação; estereótipos; surdez; comunidade surda.

ABSTRACT

The images and representations used to define a given group directly influence the understanding of it. The fact can become even more frequent when it comes to a select group, which has historically been put in a place of inability and marginalization, as is the case of the deaf subject. Journalism is one of the main agents when it comes to representation. This is why the present monograph has the purpose of understanding how this group has been represented in the newspapers Folha de São Paulo and Nexo Jornal. The research approaches the basic concepts in relation to deafness, the deaf culture and to identities. For this, it is counted on the contribution of Strobel (2016), Perlin (2016) Gesser (2009), Gonçalves (2015) and Hall (2004). In order to understand the ideas of representation and stereotypes, the study considers the conceptions of Moscovici (2003) and Lippmann (2008). Moreover, the monograph presents an analysis of content of four selected articles, using the model pointed out by Bardin (2004). In the analysis, terms and identity nuances linked to deaf subjects were identified, but are not actually part of their identity and way of experiencing the world.

Keywords: journalism; representation; stereotypes; deafness; deaf community.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Folha de S. Paulo - palavra-chave: surdez	35
Tabela 2 - Folha de S. Paulo - palavra-chave: surdo	35
Tabela 3 - Folha de S. Paulo – palavra-chave: comunidade surda	36
Tabela 4 - Folha de S. Paulo – palavra-chave: comunidade surda	36
Tabela 5 - Nexo Jornal – palavra-chave: surdez	42
Tabela 6 - Nexo Jornal – palavra-chave: surdo	42
Tabela 7 - Nexo Jornal – palavra-chave: comunidade surda	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HISTÓRIA DO POVO SURDO	14
2.1 CONHECENDO O POVO E A COMUNIDADE SURDA	17
2.1.1 A (s) identidade (s) surda (s).....	19
2.2 A CULTURA SURDA	21
2.2.1 Artefato cultural: experiência visual	22
2.2.2 Artefato cultural: desenvolvimento linguístico	22
2.2.3 Artefato cultural: família.....	23
2.2.4 Artefato cultural: literatura surda	24
2.2.5 Artefato cultural: vida social e esportiva	25
2.2.6 Artefato cultural: artes visuais	25
2.2.7 Artefato cultural: política	26
2.2.8 Artefato cultural: materiais	26
3. AS REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO	28
3.1 OS ESTEREÓTIPOS QUE RONDAM A SURDEZ	28
3.3.1 Representação 1: o surdo-mudo	30
3.3.2 Representação 2: o surdo como não integrante da realidade em que vive.....	30
3.3.3 Representação 3: o surdo incapaz.....	30
3.3.4 Representação 4: o surdo e a figura do intérprete	31
4. METODOLOGIA E ANÁLISE: FOLHA DE S. PAULO E NEXO JORNAL	32
4.1 SOBRE A FOLHA DE S. PAULO.....	33
4.2 SOBRE O NEXO JORNAL	33
5 UM CENÁRIO GERAL: O QUE SE ENCONTRA NA FOLHA DE S. PAULO	35
5. 1 ANÁLISE DA MATÉRIA “ALUNOS SURDOS RECLAMAM DE AULA GRAVADA E FALTA DE INTÉRPRETE	37
5.1.1 Os termos utilizados.....	37
5.1.2 Nuances identitárias.....	38
5.2 ANÁLISE DA MATÉRIA “ALÇADA POR PRIMEIRA-DAMA, LIBRAS TEM GARGALO DE ESCOLAS E PROFESSORES”	40
5.2.1 Os termos utilizados.....	40
5.2.2 Nuances identitárias.....	41
5.3 UM CENÁRIO GERAL: O QUE SE ENCONTRA NO NEXO JORNAL	42

5.4 ANÁLISE DA MATÉRIA “SURDEZ NA ESCOLA: OS PASSOS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL”	44
5.4.1 Os termos utilizados	44
5.4.2 Nuances identitárias	45
5.5 ANÁLISE DA MATÉRIA “COMO A SURDEZ GUIOU O ROTEIRO DE ‘NO RITMO DO CORAÇÃO’”	47
5.5.1 Os termos utilizados	48
5.5.2 Nuances identitárias	48
5.6 JORNALISMO, DIVERSIDADE E O LUGAR DO OUTRO	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Ainda hoje, um conjunto de mitos e estereótipos ronda o sujeito e a cultura surda. A história desse grupo é marcada por preconceitos, exclusão social e paradigmas educacionais que colocaram barreiras na sua inclusão. No entanto, também é preciso salientar as conquistas. Uma delas se dá em 2002, quando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como língua oficial do Brasil pela Lei nº 10.436 de 24 de abril.

Apesar do reconhecimento, o povo surdo ainda vem lutando para quebrar preconceitos e falsas representações ligadas à sua imagem. De acordo com Gesser (2009), há duas maneiras de se compreender a surdez, uma é de forma patológica e a outra, cultural:

Ver a surdez como um problema está diretamente relacionado à visão patológica. Esse é discurso fortemente construído e aceito pela maioria. É importante frisar, todavia, que os surdos e ouvintes que usam e valorizam a língua de sinais assumem uma postura positiva diante da surdez (GESSER, 2009, p. 63).

Segundo Strobel (2016), muitos ainda têm dificuldade de entender que os surdos têm uma cultura própria e experimentam o mundo de forma visual. A afirmação pode se dar porque, em muitos casos, as representações sociais apresentam esse sujeito surdo como seres deficientes. Ao contrário disso, o sujeito não enxerga a surdez como deficiência: “não há perda auditiva, mas ganho surdo”. Essa frase se popularizou dentro da comunidade surda com o objetivo de ressaltar a identidade desse povo e desvencilhar a ideia de deficiência.

Gesser (2009, p. 67) analisa que a concepção de surdez foi construída a partir do ponto de vista de “déficit”. “O ‘normal’ é ouvir, o que diverge desse padrão deve ser corrigido, ‘normalizado’. Nesse processo normalizador, abrem-se espaços para a estigmatização e para a construção de preconceitos sociais”.

Considerando as identidades surdas e os aspectos culturais que envolvem esses sujeitos, a presente pesquisa tem como objetivo identificar de que forma essa comunidade vem sendo representada nos jornais. Levando em conta a força e o papel do jornalismo, é importante que os veículos e profissionais da imprensa passem a observar o quanto os conteúdos produzidos podem ou não reforçar estereótipos, influenciando na formação do imaginário.

Sendo assim, a temática da monografia quer compreender como as matérias que tratam sobre a surdez retratam o sujeito pertencente a esse povo: será que são consideradas as diferentes identidades? Para dar início à discussão, o presente trabalho pretende fazer a coleta e a análise de matérias que tiveram o sujeito e a cultura surda como pauta principal nos jornais Folha de S. Paulo e Nexo Jornal. Para a coleta, foi estabelecido o período de 1º de janeiro de 2016, primeiro ano completo do Nexo desde a fundação, até 31 de maio de 2022, mês de realização da Surdolimpíadas, realizada em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Os materiais são coletados dos sites dos jornais escolhidos por meio de cinco palavras-chave: surdez, surdo, povo surdo, comunidade surda e Língua Brasileira de Sinais.

A pesquisa é desenvolvida em cinco capítulos. O segundo capítulo aborda a trajetória do povo surdo. Neste tópico, entende-se como foi o processo, as conquistas e obstáculos educacionais do grupo. No tópico também é dado o conhecimento a respeito das identidades surdas e dos artefatos culturais que compõem a cultura.

A partir da Teoria das Representações de Moscovici (2003), a monografia introduz a ideia, fazendo conexão entre a teoria e o campo jornalístico. Com a fundamentação teórica, o capítulo seguinte faz a análise de conteúdo de quatro matérias. Para este tópico, dois pontos são considerados: os termos utilizados nos materiais, que contribuem para identificar como a matéria trata e entende a temática da surdez, e as nuances identitárias, que ajudam a reconhecer as identidades descritas dos sujeitos e que são abordados na monografia.

A contribuição da Karin Strobel (2016) concede a sustentação básica para o entendimento dos artefatos que compõe a cultura surda. A presente pesquisa também conta com a colaboração de Perlin (2016) e Hall (2004), que dão base teórica para as questões de identidade surda, além de Gesser (2009), que contribui para a fundamentação teórica, principalmente a respeito da Língua de Sinais Brasileira (Libras). A pesquisa também conta com Lippmann (2008) que reflete sobre o conceito de estereótipos. Posteriormente, para a análise das matérias, considerou-se o modelo proposto por Bardin (2004), a análise de conteúdo.

A escolha do tema se deu por três pontos principais. Em primeiro lugar, destaca-se o apreço pela temática. Em segundo, um incômodo em relação à escassez de informação a respeito do sujeito surdo nos meios de comunicação. E, em terceiro, uma percepção em relação à falta de recursos acessíveis para informar esse público. Aqui, entendeu-se que antes de compreender a carência em relação às maneiras de

informar, era preciso compreender qual o lugar desse público nos meios de comunicação e como esses jornalistas enxergam o sujeito surdo e sua cultura.

2 HISTÓRIA DO POVO SURDO

Ao procurar registros históricos sobre o povo e a comunidade surda, entende-se que o preconceito, a exclusão social e as adversidades educacionais sempre estiveram presentes. Segundo Strobel (2016), a história cultural dessas pessoas não foi reconhecida durante algum tempo. Sendo assim, esses sujeitos foram vistos como doentes e anormais por décadas. Ainda de acordo com a autora, o que se tem, em grande parte, são as histórias dos surdos contadas na perspectiva ouvintista¹. Conforme Strobel (2016, p. 114):

É conveniente averiguar, entretanto, os nomes famosos citados nas histórias dos surdos tradicionais, ou seja, quem foram os “defensores da comunidade dos surdos”, raramente são citados aqueles que eram sujeitos surdos, como Berthier, Clerc, Huet, prevalecendo, na maioria, os ouvintes, como, por exemplo, L’Epée, Gaillaudet, Sicard, Bonet e outros.

Strobel (2016, p. 110) ainda afirma que entender a história desse sujeito é “enxergar a cultura surda como um conjunto de significados e costumes partilhados e construídos pelo povo surdo”. Em um mundo de maioria ouvinte, enxerga-se, em variados momentos, a influência e imposição da cultura ouvintista. Nessa perspectiva, não ouvir conduz o sujeito surdo a uma posição de inferioridade. Afinal, o ouvintismo considera e estrutura o mundo a partir de uma base ouvinte. Esse conceito é visto, na prática, em múltiplos momentos históricos, mas destaca-se quando se fala na educação dos surdos.

O Brasil começa a discutir sobre educação e surdez no século XIX. Atualmente, a primeira escola de educação de surdos no País tem o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O Instituto, fundado no Rio de Janeiro, foi uma iniciativa do professor surdo parisiense Eduardo Heuet (1822 –1882). Foi Heuet que apresentou a D. Pedro II (1825-1891) um relatório que revelava as intenções de criar uma escola destinada a esse público no Brasil. No documento, o educador também deixa claro a sua experiência anterior no Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges, na França.

Com essa troca de informações, a pedido de D. Pedro II Heuet chega ao Brasil e ajuda a criar a primeira escola destinada aos surdos em 1856, na época,

¹ Ouvintista, segundo Skliar (2016, p. 15) “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte”.

denominada de Collégio Nacional para Surdos-Mudos. Até receber o nome atual, o INES passou por outras seis nomenclaturas, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Nomenclaturas do INES com o passar dos anos

Ano	Denominação
1856-1857	Collégio Nacional para Surdos-Mudos
1857-1858	Instituto Imperial para Surdos-Mudos
1858-1865	Imperial Instituto para Surdos-Mudos
1865-1874	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
1874-1890	Instituto dos Surdos-Mudos.
1890-1957	Instituto Nacional de Surdos Mudos
1957-atual	Instituto Nacional de Educação de Surdos

Fonte: Arquivo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Rio de Janeiro, RJ) *apud* Gonçalves (2015, p. 28).

De acordo com Gonçalves (2015, p. 28) “esses ajustes de denominações sofreram modificações conforme as discussões sobre a educação dos surdos no Brasil”. Segundo o site oficial do Instituto, uma das mudanças mais expressivas se deu em 1957, quando a palavra “mudos” foi substituída por “educação”.

A nível mundial, a educação da pessoa surda já passou por variados momentos e conflitos. Um marco se dá em 1880, no II Congresso Internacional de Educação dos Surdos. Realizado em Milão, o Congresso foi o que elegeu a forma oralista como a mais adequada para a educação desse público. Nessa proposta, entendia-se que a forma mais eficaz de educar o surdo era por meio da fala. O Congresso reunia, em sua maioria, a população ouvinte. Esse grupo foi responsável por decidir pela ideia que excluía toda a manifestação de língua de sinais da educação do sujeito surdo. De acordo com Sá (2002, p. 63):

No Brasil e no mundo, ainda tem grande força a abordagem educacional oralista. Oralismo é o nome dado àquelas abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição e que rejeitam, de maneira explícita e rígida, qualquer uso da língua de sinais.

A exclusão da língua de sinais e a obrigação do oralismo fizeram com que o desenvolvimento educacional do surdo declinasse. Sacks (1989, p. 21), explica que os alunos surdos passaram a ser ensinados pelos ouvintes. Assim, a taxa de professores surdos caiu significativamente com o passar dos anos. “A proporção de professores surdos, que em 1850 beirava os 50%, diminuiu para 25% na virada do século e para 12% em 1960”.

Anos mais tarde, viu-se que a decisão pelo método oralista não trouxe bons resultados. De acordo com Sacks (1989), foi na década de 1960 que a população começou a questionar a proposta. O insucesso do oralismo promoveu um novo modo de se pensar em educação para esse público. Ainda nessa década, conforme Strobel (2008) surge a Comunicação Total. Esse meio admitia a utilização da língua de sinais e de qualquer outro modo de comunicação. Apesar de aparentar um avanço em relação à forma oralista, a Comunicação Total era a “fala apoiada pelos sinais”, como resume Sá (2002, p. 63). Dessa forma, o processo de ensino dos surdos passou por três momentos: o oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Esse último visa formar os surdos nas duas línguas, sendo a língua de sinais a primeira.

Retornando ao Congresso de Milão, Gonçalves (2015) explica que as decisões foram tomadas por representantes da Europa e das Américas. O Brasil, que já atuava na educação do surdo, tinha como base o ensinamento europeu, adotando o método de escrita e sinais. No entanto, o País esteve ausente no Congresso por não apresentar uma influência decisiva sobre a educação dos surdos como os demais países. Segundo Gonçalves (2015), após o Congresso, a educação no Brasil continuava como antes. Conforme o autor, o diretor do Instituto na época esperava por informações e modificações que favorecessem as necessidades dos alunos.

A língua de sinais utilizada pelos surdos no Instituto brasileiro teve forte influência francesa, por conta do professor Heuet. A língua ia sendo disseminada pelo País pelos alunos egressos do INES. Nos anos 1980, surdos iniciaram o movimento para a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em 1993 foi lançado um projeto de lei para regulamentação da Língua no País. Foi em 2002, pela Lei nº 10.436 de 24 de abril que a Libras foi reconhecida como língua oficial no Brasil.

A partir da conquista, vai se estabelecendo a proposta de ensino bilíngue, tanto no Instituto, quanto nas escolas públicas regulares. Um dos objetivos do INES é auxiliar para a formulação de novas políticas para a educação de surdos, conforme a Portaria MEC nº 323, de 08 de abril de 2009.

2.1 CONHECENDO O POVO E A COMUNIDADE SURDA

O Art. 2º do decreto nº 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005) determina que "considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras". Por vezes, o termo surdo é usado, incorretamente, como sinônimo de deficiente auditivo. No parágrafo único do mesmo decreto, "considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz".

Atentando para o decreto e de um ponto de vista clínico, o que diferencia surdos e deficientes auditivos é a profundidade da perda auditiva. Porém, sob outra perspectiva, Heck (2021, p. 29) ressalta a importância de olhar para o modelo socioantropológico que "se baseia na noção de diferença e propõe que a surdez seja vista como uma diferença análoga a de outras minorias étnicas e linguísticas". Para os surdos, a surdez não é uma deficiência: não há "perda auditiva", mas "ganho surdo".

Para além do olhar clínico, entender a diferença entre os termos é significativo. Isso ocorre porque, a partir desse caso, também se reflete sobre o conceito e o que se entende sobre identidade. As pessoas surdas possuem uma cultura e língua próprias e, em sua maioria, formam uma comunidade e o povo surdo. Dessa forma, entende-se que a surdez é um modo de vivenciar o mundo de forma visual, assim, não se perde algo apenas pelo fato de não ouvir. Diferente do surdo, o deficiente auditivo se identifica com a cultura ouvinte. Parte deles opta por não utilizar a língua de sinais e, em sua maioria, fazem uso de aparelhos auditivos e implantes.

Mas o que seria a comunidade surda e o povo surdo citados anteriormente? Para Strobel (2016, p. 35) essa é uma diferenciação básica. Distinguir as expressões colabora para que se entenda a trajetória desses sujeitos nas "relações culturais presentes, marcados por visões diferentes de organizações de seus movimentos".

O conceito de comunidade é visto em Carvalhal (2010, p. 50) como "[...] um lugar familiar onde as pessoas dirigem as suas atividades para a coletividade [...]". A concepção se aplica àqueles que partilham dos mesmos interesses em relação à surdez e formam a comunidade surda. Segundo Padden e Humphries (2000, p. 5 *apud* STROBEL, 2016, p. 37):

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.

No trecho, os autores americanos grafam “Surdos”, com a letra inicial maiúscula. Isso ocorre porque o termo com o S maiúsculo considera o sujeito como pertencente a um grupo minoritário e participante de uma cultura própria. O termo foi usado pela primeira vez em 1972 pelo autor James Woodward. Hoje, alguns escritores e pessoas surdas destacam a inicial maiúscula para marcar e valorizar a diversidade e o ativismo, além de reforçar aos demais a própria identidade, como explica Heck (2021).

Além de entender o que é a comunidade surda, os autores ainda chamam atenção para a diferença entre comunidade e cultura. Para Padden e Humphries (2000, p. 5 *apud* STROBEL, 2016, p. 37):

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos aprendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

Padden e Humphries (2000 *apud* Strobel 2016, p. 37) explicam que a comunidade surda pode ser formada por sujeitos surdos e ouvintes, como intérpretes, familiares de surdos e todos aqueles que simpatizam e apoiam as motivações da comunidade. “Já os membros de uma cultura surda comportam-se como sujeitos surdos e compartilham das crenças de sujeitos surdos entre si, sendo estes membros pertencentes ao povo surdo”.

Sendo assim, se considera povo surdo aqueles sujeitos surdos que usam a mesma língua e sustentam, entre si, uma história, tradição e costumes em comum. Esse povo não precisa viver, necessariamente, no mesmo ambiente. Entretanto, segundo Strobel (2016, p. 38) “estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços”. A autora ressalta que a língua e a cultura são referências desse povo.

Segundo Strobel (2016), a formação de identidades surdas é desenvolvida a partir de conhecimentos e comportamentos transmitidos pelo povo. A vivência desses sujeitos uns com os outros e a forma que experimentam o mundo são fatores que também contribuem para a formação da identidade do sujeito.

2.1.1 A (s) identidade (s) surda (s)

As diferenciações apresentadas anteriormente são fatores que contribuem no entendimento de como esses grupos se colocam e se veem perante a sociedade como um todo. Procurar compreender essas questões abre espaço para discutir um conceito que está em constante transformação: a identidade. Hall (2004) apresenta três concepções de identidade. Esses conceitos se referem ao sujeito do iluminismo, que tende para o racional e focado no núcleo interior; o sujeito sociológico, para o qual a identidade se molda a partir das interações com a sociedade; e o sujeito pós-moderno, em que as identidades podem ser várias, fragmentadas e não-fixas.

Assim como Perlin (2016) para pensar na identidade surda, esta pesquisa também se concentrará na última concepção do autor. Para Hall (2004, p. 20-21), a identidade pós-moderna considera elementos como:

- As identidades eram contraditórias. Elas se cruzavam ou se “deslocavam” mutuamente;
- As contradições atuavam tanto fora, na sociedade, atravessando grupos políticos estabelecidos, quanto “dentro” da cabeça de cada indivíduo;
- Nenhuma identidade singular – por exemplo, de classe social – podia alinhar todas as diferentes identidades com uma “identidade mestra” única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. [...]
- De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes – advindas, especialmente, da erosão da “identidade mestra” da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais [...]
- Uma vez que identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Para Perlin (1998), a identidade ouvinte interfere no ser surdo. Com essa interferência, a identidade surda toma um lugar inferior. Porém, “em uma concepção de alteridade, o surdo não é visto de forma subalterna, mas como um sujeito político que se constitui a partir das representações sobre a sua diferença” (PERLIN, 1998, p.

7). A autora reforça que os surdos sustentam uma identidade surda, mas que não há uma base fixa que sustente o conceito.

Dessa forma, Perlin (1998) ainda reforça a pluralidade dos surdos “onde as identidades que surgem no grupo são negociadas entre seus membros e com a história que cada um deles possui” (PERLIN, 1998, p. 7). A mesma autora categoriza as identidades surdas e reforça as múltiplas identidades.

De acordo com Perlin (2016, p. 63-66) os conceitos podem ser classificados em cinco, como esquematizado no Quadro 2:

Quadro 2- As identidades surdas

Identidades surdas	É o grupo de surdos que fazem uso da experiência visual, reforçando e recriando a cultura visual. Com uma identidade política, esse grupo questiona as formas de representação do surdo historicamente.
Identidades surdas híbridas	Se trata daqueles que nascem ouvintes e se tornam surdos anos mais tarde. Esse sujeito conhece a estrutura da língua falada. Captam mensagens usando a língua oral e de sinais, mas a identidade é surda.
Identidades surdas de transição	São os que viveram em contato total com os ouvintes. Mudam do mundo ouvinte para o surdo obtendo experiência visual e passando pela “desouvintização”.
Identidade surda incompleta	Essa identidade retrata o surdo que vive sob uma ideologia ouvintista. Para esse grupo, os surdos devem socializar compativelmente com a cultura ouvinte. Geralmente preferem não fazer uso da língua de sinais.
Identidades surdas flutuantes	Seguem as representações ouvintes. Em geral, esse grupo tende a ter dificuldade de se reconhecer como surdo e prefere estar inserido na cultura ouvinte.

Fonte: Adaptado de Perlin (2016)

2.2 A CULTURA SURDA

Lane (1992, p. 26 *apud* STROBEL, 2016, p. 26) descreve aquilo que muitos entendem e imaginam de uma pessoa surda:

Ao imaginar como é a surdez, eu imagino o meu mundo sem som - um pensamento aterrorizador e que se ajusta razoavelmente ao estereótipo que projectamos para os membros da comunidade dos surdos. Eu estaria isolado, desorientado, incomunicável e incapaz de receber comunicação. Os laços com as outras pessoas seriam desfeitos.

Afinal, como os surdos podem socializar e viver “normalmente” em uma sociedade majoritariamente ouvinte? O imaginário que se sustenta em relação a essas pessoas é um dos empecilhos que colaboram para a falta de compreensão sobre a cultura surda. O termo “cultura” já foi citado nesta monografia. No capítulo 2.2, cabe a conceitualização dele.

Para Hall (2016, p. 19):

[...] a palavra “cultura” passou a ser utilizada para se referir a tudo que o que seja característico sobre o “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social - o que veio a ser conhecido como a definição ‘antropológica’.

Considerando o que foi afirmando anteriormente por Hall (2016), o povo surdo também tem o seu modo de vida e formas de experienciar o mundo. “Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais [...]”, como afirma Strobel (2016, p. 29). A mesma autora ressalta os artefatos culturais que caracterizam a cultura surda. Ela descontrói a ideia de enxergar o termo “artefatos” apenas como objetos ou materiais produzidos por um grupo cultural.

Para Strobel (2016, p. 44), os artefatos culturais do povo surdo são as “[..] produções do sujeito que tem seu próprio modelo de ser, ver, entender e transformar o mundo”. Para entender a ideia, a autora divide e classifica os artefatos culturais do povo surdo em oito, como experiência visual, desenvolvimento linguístico, família, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais.

As explicações em relação aos artefatos culturais tornam ainda mais palpável a afirmação sobre “experimentar o mundo de forma diferente” quando se fala do sujeito

surdo. Sendo assim, Strobel (2016) apresenta os oito artefatos que fazem parte da cultura surda e que são essenciais para as interações com esse sujeito.

2.2.1 Artefato cultural: experiência visual

O sujeito surdo vivencia o mundo de forma totalmente visual. Essas noções visuais se dão pelas atitudes, movimentos, expressões de outros ao redor. Para explicar ao leitor, Strobel (2016, p. 44-45), que é surda, expõe uma experiência pessoal:

Uma vez meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim no meu aniversário; falou que ia me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele. Era um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava, por causa de falta de iluminação e pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música que, sem que eu pudesse escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos de vai e vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria!

A experiência pessoal da autora exemplifica dificuldades vividas pelos surdos diariamente. É preciso pensar nos variados ambientes comuns que complicam a inclusão e independência do surdo por falta de recursos visuais.

2.2.2 Artefato cultural: desenvolvimento linguístico

A língua de sinais é um artefato significativo e fundamental para esse povo já que se trata de uma língua espaçovisual. Strobel (2016, p. 52) explica que alguns surdos que vivem afastados e não tem contato com outros sujeitos surdos acabam usando gestos que são chamados de “sinais emergentes” e “sinais caseiros”. Nesse caso, o sujeito não é fluente na língua de sinais, mas se comunica apontando e criando sinais, fazendo referência a experiências visuais do cotidiano.

Apesar da história e da tentativa de banir a língua de sinais por meio de um sistema oralista, a língua continuou sendo propagada. No Brasil, a Libras foi reconhecida como língua e meio legal de comunicação em 24 de abril de 2002, pela lei 10.436. De acordo com Strobel (2016, p. 55) a Libras “[..] não pode ser estudada

tendo como base a língua portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral”.

A necessidade da disseminação da língua de sinais e de suas formas de representação são pautas para discussão muito antes da oficialização da Libras no País. Partindo da ideia de que os surdos também precisavam registrar a língua de sinais graficamente, Valerie Sutton criou o SignWriting (SW)² em 1974. De acordo com Ayres e Didó (2021), o recurso foi a adaptação do sistema criado pela mesma pesquisadora para o registro de passos de dança, o DanceWriting.

No Brasil, a pesquisadora surda Marianne Stumpf, junto a outros estudiosos, foi a pioneira no desenvolvimento do tema. Segundo Ayres e Didó (2021), o primeiro contato da pesquisadora com o tema se deu em 1996. Em 2005, Stumpf defende a tese “Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador”. Nos dias atuais, essa escrita é conhecida no Brasil como Escrita em Língua de Sinais (ELS).

2.2.3 Artefato cultural: família

O terceiro artefato cultural refere-se à família, abordando a relação do sujeito surdo com os familiares. Para uma família surda, o nascimento de um bebê surdo é sempre festejado. Strobel (2016) retrata que, nas famílias surdas, o desconforto se manifesta pelos profissionais procurados. A autora expõe que a maior dificuldade se manifesta quando um surdo nasce em uma família ouvinte. “Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito ‘não normal’ e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito” (STROBEL, 2016, p. 59).

Em muitos casos, essas famílias privam as crianças surdas de terem o contato com a comunidade, fazendo com que o sujeito viva em uma cultura ouvinte. Neste tópico, a autora ainda ressalta a diferença entre esses dois tipos de família ao se referir à comunicação. Um surdo em uma família surda está incluso nas conversas desde o

² O SignWriting, de acordo com Stumpf (2005, p 51-52). é o sistema que “pode representar língua de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais.

início. Por conta disso, esse sujeito entende e percebe os outros artefatos culturais. Nas famílias surdas, o “estranho” e o “não normal” é o ouvinte. De acordo com Strobel (2016, p. 63):

Nas famílias surdas, os membros surdos têm comportamentos próprios deles. Por exemplo, é habitual assistirem à televisão no volume mudo para não incomodar os vizinhos. Todos usam língua de sinais como a língua prioritária do lar, lavam louça e fazem movimentos inesperadamente com barulho alto sem perceberem.

Na família ouvinte, que não busca conviver com a comunidade surda, o mesmo sujeito pode ser deixado de lado, não conseguindo participar da interação familiar. De acordo com Santos, Sousa e Santos (2022, p. 148), este artefato é maior encarregado para promover o desenvolvimento do sujeito:

No seio familiar, o surdo irá descobrir-se por meio das interações cotidianas, porém, cabe destacar que, quando os pais são surdos servem de modelo para o filho e promovem relações que estimulam o seu desenvolvimento, já quando ocorre o inverso, com pais ouvintes, a visão ouvintista sobrepõe à Cultura Surda e na maioria dos casos, o surdo é visto como “problema” sendo obrigado a desenvolver a oralidade e assemelhar-se aos ouvintes. (Santos, Sousa e Santos, 2022, p. 148 – 149)

A família é um dos principais meios de influência. A forma em que os familiares lidam com a surdez do sujeito são essenciais para o desenvolvimento da identidade surda. Como visto, existem diversos cenários familiares e são eles que vão ir moldando a forma em que o sujeito surdo lida com a própria surdez inicialmente.

2.2.4 Artefato cultural: literatura surda

Por meio da literatura surda, os sujeitos compartilham experiências, vivências e produções realizadas por aqueles que fazem parte desse povo. Poesias, poemas, histórias infantis adaptadas e originais, ditados, piadas e outras tantas narrativas fazem parte dessa literatura. Strobel (2016, p. 68) explica:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas.

De acordo com Santos, Sousa e Santos (2022, p. 148), a literatura surda é um meio de “resistência cultural”. Essas produções literárias são oferecidas em materiais

gráficos e em vídeos. As manifestações, que são realizadas na língua de sinais, também são registradas em português por alguns escritores.

2.2.5 Artefato cultural: vida social e esportiva

O quinto artefato refere-se aos acontecimentos culturais, ao cotidiano e às interações entre o povo surdo. Essas integrações acontecem, geralmente, nas associações de surdos. Para Santos, Sousa e Santos (2022, p. 149), “[...] esse artefato impulsiona discussões a respeito da identidade cultural dos surdos, da criação de espaços de lazer e esportivos, bem como da criação de órgãos representativos do povo surdo”.

Os surdos se destacam na participação em esportes. A Surdolimpíadas é um exemplo de engajamento do povo. O evento multiesportivo é destinado ao povo surdo e acontece a cada quatro anos. Atualmente, está na sua 24ª edição. A mais recente aconteceu em 2022 na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, entre os dias 1º e 15 de maio. Essas ações são organizadas pela Confederação Brasileira de Desportos de Surdos ([INFORMAÇÕES GERAIS], 2022).

2.2.6 Artefato cultural: artes visuais

Neste tópico, Strobel (2016) explica que muitos surdos usam da arte para expor aos demais suas histórias, conquistas e cultura. Por meio de desenhos, ilustrações, pinturas e teatro o povo surdo se destaca, criando performances e explorando narrativas.

A música é um dos meios que não faz parte da cultura do povo surdo, mas de acordo com Strobel (2016, p 88) “[...] os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que gostam de música, e isto também deve ser respeitado”.

Porém, ainda assim, surge nessa cultura aqueles que gostam de sentir as vibrações causada pelo som. Em tempos de pandemia, variados cantores resolveram fazer lives nas redes sociais para amenizar a ausência nos palcos. Nesse cenário, Marília Mendonça se destacou por ser a primeira cantora a usar intérprete de libras nas transmissões ao vivo.

2.2.7 Artefato cultural: política

Na política, os surdos são líderes de movimentos que buscam defender e lutar pelos direitos desse povo. Conforme Strobel (2016, p. 89), hoje, um dos propósitos das associações dos surdos é promover a atuação na política:

Nessas organizações juntam-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilhar dos interesses comuns, lutando pelos direitos judiciais e de cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo Governo.

As organizações se tornaram importantes atores para a luta desse povo. Em nível nacional, os sujeitos surdam contam com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). Fundada em 1987 e filiada à Federação Mundial dos Surdos, a FENEIS se descreve como uma entidade em “[...] defesa de políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, em favor da comunidade surda brasileira, bem como a defesa de seus direitos”. (O QUE É FENEIS, [2021]).

No Rio Grande do Sul, os surdos são representados pela Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, criada em 1962 e que se caracteriza por ser “uma instituição privada sem fins lucrativos, cujo objetivo sempre foi a defesa e a luta dos direitos da comunidade surda de Porto Alegre”. (SOCIEDADE DOS SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL, [2022]).

2.2.8 Artefato cultural: materiais

Alguns materiais, dispositivos e tecnologias funcionam apenas por meio do som. Para o surdo, esses equipamentos não têm funcionalidade. Sendo assim, é preciso adaptar esses recursos, fazendo com que os materiais tomem forma visual, incluindo o surdo no seu uso.

Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada ao enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia na acessibilidade na vida cotidiana de sujeitos surdos [...] (STROBEL, 2016, p. 94)

Robert Weitbrecht, Andrew Saks e James Marsters foram os responsáveis por possibilitar que os surdos se comunicassem por meio do telefone. Em 1964, os três

desenvolveram o modem do Teletypewriter (TTY). Por meio da invenção, o texto era transmitido por linha telegráfica possibilitando o acesso do surdo ao aparelho (STROBEL, 2016).

No Brasil, o primeiro telefone para surdos foi trazido por um pai que comprou o aparelho para os filhos. (STROBEL, 2016). Segundo Santos (2011), além do telefone, o povo surdo também utiliza de campainhas luminosas, despertadores com vibração, legendas e babás sinalizadoras. (SANTOS, 2011).

Todos os materiais que são adaptados para que contenham recursos visuais se encontram dentro deste artefato. Adaptar essas ferramentas para que não sejam somente a base de som são formas de acessibilidade que facilitam o dia a dia dessas pessoas.

3. AS REPRESENTAÇÕES NO JORNALISMO

As imagens que se criam sobre o outro interferem diretamente na forma como são representadas posteriormente. O termo “representação” é conceituado e estudado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Neste trabalho, será considerada a Teoria das Representações Sociais, do campo da psicologia social, de Serge Moscovici que foi desenvolvida a partir dos estudos sobre representação de Émile Durkheim (1858 – 1917)

Em Moscovici (2003), as Representações Sociais tornam familiar aquilo que não é. Trata-se de uma concepção simbólica e coletiva que se constrói a partir de memórias e imagens culturalmente conhecidas. Para Moscovici (2003), a teoria se trata de um conhecimento construído e partilhado entre as pessoas, um entendimento de senso comum que serve para tornar familiar o não familiar.

De acordo com Filho (2004, p. 45), a visão crítica dos campos midiáticos em relação a representações distorcidas de diferentes identidades sociais ganhou força nos anos 1960. “Tal inclinação teórica harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação profunda com a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e contestada”, como demonstrado no capítulo anterior.

É também por meio do jornalismo que as pessoas são informadas e passam a ter consciência dos acontecimentos ao seu redor. Por esse papel, de acordo com Freitas (2021), o meio jornalístico é um dos atores que influencia na percepção, interpretação e representação da realidade, “[...] é por meio da comunicação que construímos sentido e nos ligamos ao outro, num processo que também contribui para a definição dos contornos de nossa subjetividade” (DIONIZIO, 2013 p. 15 *apud* FREITAS, 2021 p. 120).

3.1 OS ESTEREÓTIPOS QUE RONDAM A SURDEZ

Segundo Filho (2004), a forma imprópria que os meios de comunicação representam grupos considerados minoritários e marginalizados giram em torno do conceito de estereótipos. De acordo com Campos (2021), o termo “estereótipo” foi inicialmente usado pelo jornalista Walter Lippmann, em 1922 no livro *Opinião Pública*. Para Lippmann (2008, p. 90), os estereótipos são imagens criadas pela sociedade em

relação ao outro. De acordo com o autor, a construção de estereótipos se dá pela captação de sinais reconhecíveis a cada um:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura. (LIPPMANN, 2008, p. 85)

Em Filho (2004, p. 46), a definição de Lippmann revela que o conceito de estereótipo se constrói por meio de “construções simbólicas enviesadas, infesas à ponderação racional e resistentes à mudança social”. Seguindo com Filho (2004), a estereotipagem ignora grande parte da história e características essenciais de um determinado grupo, fazendo com que se reduza a aspectos como vestimentas, formas de expressão, limitações e outros atributos.

Referindo-se ao povo surdo, para Perlin (2016, p. 55), a ideia de estereótipo interfere diretamente no acolhimento da identidade surda. Segundo a autora, a concepção que se tem de surdez está diretamente conectada aos estereótipos:

Nunca a representação estereotipada vai dar à representação da identidade surda um lugar social. O estereótipo sobre o surdo jamais acolhe o ser surdo, pois o imobiliza em uma representação contraditória, em uma representação que não conduz em uma política de identidade. O estereótipo faz com que as pessoas se oponham, às vezes disfarçadamente, e evitem construção da identidade surda, cuja representação é o estereótipo da sua composição distorcida e inadequada.

Conforme a autora, com o passar dos anos, o sujeito surdo foi somando conjuntos de estereótipos. Com uma cultura ouvintista que prevalece, esse sujeito assumiu uma posição de inferioridade e incapacidade aos olhos dos ouvintes. Em uma análise discursiva a partir de charges, Reis (2016) exhibe quatro formas de representação da surdez. O artigo de Reis (2016), publicado no II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, visa analisar como vem sendo constituída a imagem do sujeito surdo nas charges que circulam na internet.

De acordo com a autora, essas representações são construídas a partir de manifestações consideradas estereotipadas e fundamentadas em um imaginário coletivo formado historicamente. Com o intuito de exemplificar alguns estereótipos conhecidos e representados sobre a surdez, neste trabalho usa-se como referência os resultados apresentados em Reis (2016), sendo as nomenclaturas adaptadas pela autora.

3.3.1 Representação 1: o surdo-mudo

O primeiro tópico apresentado pela autora, a partir das análises dos materiais, destaca o sujeito surdo como alguém sem voz. Nesta classificação, o sujeito é visto como "[...] aquele que não tem uma língua e, conseqüentemente, não pode se expressar, recluso no mundo do silêncio" (REIS, 2016, p. 7). Reis (2016) reforça a forma passiva e dependente que o surdo é colocado quando visto e retratado de tal forma. A expressão *surdo-mudo* já não é mais aceita pelos surdos e por outros que fazem parte da comunidade. Isso ocorre porque o surdo se expressa e se comunica por meio da língua de sinais.

Gesser (2011) é uma das autoras que lança a reflexão acerca do que se entende por *fala*, dando ênfase a língua de sinais como *fala* do surdo. Entretanto, a autora expõe que os surdos que preferirem desenvolver a fala no sentido vocal têm o acompanhamento de profissionais fonoaudiólogos.

3.3.2 Representação 2: o surdo como não integrante da realidade em que vive

Em Reis (2016), o segundo material analisado representa o surdo como alheio a realidade em que está inserido. Neste tópico, a autora chama atenção para a afirmação de que os surdos não interagem com a política, por exemplo, por não ouvirem. Porém, como visto anteriormente, muitos surdos são participantes e engajados politicamente.

Nesta classificação, o surdo é visto como alguém que não está por dentro daquilo que acontece ao redor.

3.3.3 Representação 3: o surdo incapaz

Neste item, Reis (2016) discorre sobre a representação do surdo como aquele que é inapto para resolver uma situação comum. Na charge analisada pela autora neste tópico, mostra-se um super-herói nomeado como o Super-Surdo. Apesar do sujeito ser representado por uma figura heroica, ele não é quem salva a vida de quem está em perigo na tira analisada.

Isso ocorre porque, ao não ouvir os gritos de socorro, o herói não se dá conta do perigo próximo. Fazendo a análise da cena, Reis (2016) ressalta que tais representações podem reforçar que o surdo é incapaz lidar e resolver situações do cotidiano, sendo preciso a presença de um ouvinte.

3.3.4 Representação 4: o surdo e a figura do intérprete

No último tópico, Reis (2016) introduz a figura do intérprete analisando o dia a dia dos profissionais que incluem e estão ligados à comunidade surda. Nesta análise, a autora ressalta a dificuldade dos demais em compreenderem a profissão de intérprete: “você é o rapaz que faz mímica pra surdo-mudo?” (REIS, 2016, p. 10).

O questionamento também traz, mais uma vez, a reflexão a respeito da valorização da língua de sinais como uma língua oficial e reconhecida. Outros questionamentos também são trazidos a respeito da profissional. Desta vez em Gesser (2011), a autora disserta sobre a pergunta “o intérprete é a ‘voz’ do surdo?”, destacando que interpretação ocorre em situações em que o surdo interage com aqueles que não são fluentes e não dominam os a língua de sinais.

Nakagawa (2012, p. 51), também traz outras afirmações generalizantes em relação ao surdo: “os surdos são conversadores”, “surdos têm bom gosto, já que têm a visão apurada”. Esses pontos são algumas das variadas crenças sustentadas em relação à surdez e que constroem uma base de estereótipos que acompanham esse povo. Ao falar sobre mídia e estereótipo, Biroli (2011), é uma das autoras que destaca dois papéis desempenhados pelos meios de comunicação. Para a autora, esses meios podem ser importantes atores para a superação dos estereótipos e para a sua reprodução, e isso se dá pela forma de representação.

A partir da visão de Reis (2016), foi possível enxergar um panorama em relação a algumas ideias que ainda estão ligadas aos sujeitos surdos. O uso de alguns termos e dos lugares reservados para o sujeito surdo nas charges identifica como algumas ideias, que o próprio povo surdo luta para se desvencilhar, ainda vem sendo propagadas, mesmo que sutilmente.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE: FOLHA DE S. PAULO E NEXO JORNAL

Para analisar as formas de representação do povo surdo no meio jornalístico, o presente trabalho pretende olhar para matérias publicadas pelo site da Folha de S. Paulo e pelo Nexo Jornal. Com esse propósito, a monografia tem como método de pesquisa a análise de conteúdo que, segundo Bardin (2004), aumenta as chances de uma nova descoberta e é um bom caminho para a busca de confirmações ou não referente a um tema. Neste trabalho, a metodologia é adaptada aos meios digitais, já que considera as notícias coletadas dos sites de dois jornais.

Inicialmente, preferiu-se entender o lugar que a temática da surdez ocupa nos jornais escolhidos. Por isso, o presente trabalho, em um primeiro momento, faz um levantamento de matérias e reportagens sobre o tema e expõe um panorama a partir do período determinado. Para as coletas, estabeleceu-se a data de 1º de janeiro de 2016, primeiro ano do Nexo Jornal, até 31 de maio de 2022, mês de realização da Surdolimpíadas, realizada em Caxias do Sul.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) discorrem sobre a generalização e apresentação dos resultados em uma pesquisa quantitativa na internet. Para eles, esses resultados constituem uma amostra representativa, “[...] uma reconstrução reduzida, porém real, do universo que se deseja investigar”. (OSUNA, 1989, p. 366 *apud* FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 62). Para o levantamento desses materiais, foi estabelecido um conjunto de palavras-chave como: surdez, surdo, comunidade surda, povo surdo e Língua Brasileira de Sinais.

A escolha das palavras-chave se deu a partir dos aspectos significados para o sujeito surdo vistos na monografia até o momento. Sendo assim, considerou-se questões como a identidade do sujeito que experimenta o mundo de forma visual, a cultura e língua própria, representadas pelas palavras surdez, surdo e Língua Brasileira de Sinais. Além disso, considerou-se todos aqueles que se ligam a temática da surdez de alguma forma, representada pela palavra-chave comunidade surda.

Após a contextualização geral do cenário, serão analisadas quatro matérias, sendo duas de cada jornal, atentando para os termos usados e o lugar que o sujeito ou a cultura surda estão ocupando no material. O levantamento se deu pela pesquisa de cada uma das palavras no mecanismo de busca do Google. Na busca, foi utilizado a ferramenta de refinamento dos resultados, utilizando o endereço do site de cada um dos jornais selecionados. Para isso, no Google, cada uma das cinco palavras-chave

foi pesquisada entre aspas seguida do mecanismo “site:folha.uol.com.br”, quando buscado no site da Folha de S. Paulo e “site:nexojornal.com.br”, quando buscado no Nexo Jornal. Além disso, a opção “Intervalo personalizado” foi utilizada para que se buscasse apenas as matérias do período determinado para a pesquisa.

As amostras apresentadas a seguir consideram apenas as matérias de cada jornal que contenha uma das cinco palavras-chave no corpo do texto. Os resultados apresentados referem-se apenas às matérias, desconsiderando qualquer outro material fora deste formato.

4.1 SOBRE A FOLHA DE S. PAULO

Fundada em 1921, atualmente, a Folha de S. Paulo se coloca como “o jornal mais influente do Brasil”. O jornal é resultado da fusão de três títulos que já circulavam no Grupo Folha, a Folha da Manhã, a Folha da Tarde e a Folha da Noite. De acordo com Maldonado e Farias (2021), no final de 1980, a Folha de S. Paulo começou o processo de atualizações das linhas editoriais. Nomeado de Projeto Folha, o jornal passou a ter um conjunto de regras que orientava a escrita do jornal.

A própria Folha de S. Paulo expõe que o documento marca um primeiro passo para a organização de um projeto editorial. No material, são apresentadas três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Hoje, o jornal Folha de S. Paulo apresenta dez sessões. Para a análise, as tabelas 1,2,3,4 e 5 ilustram o número de matérias encontradas considerando as palavras-chave citadas anteriormente.

4.2 SOBRE O NEXO JORNAL

Lançado em novembro de 2015, o Nexo Jornal se apresenta com um jornal digital que tem o objetivo de dar maior acesso a dados e estatísticas. O jornal pontua o equilíbrio, a clareza e a transparência como os princípios editoriais base. O Nexo se mantém por financiamento próprio não fazendo a utilização de publicidade no site. Atualmente, o Jornal é classificado em 18 sessões como extra, expresso, explicado, gráfico, vídeo, interativo, entrevista, serviço, ensaio, debate, podcast, estante, especial, externo, acadêmico, profissões, léxico e colunistas.

Assim como no site do jornal Folha de S. Paulo, as cinco palavras-chave também foram aplicadas na plataforma do Nexo Jornal, considerando o mesmo período para o levantamento. As tabelas 6, 7, 8 e 9 mostram os números de matérias encontradas a partir das palavras dentro do período determinado.

5 UM CENÁRIO GERAL: O QUE SE ENCONTRA NA FOLHA DE S. PAULO

Com o objetivo de apresentar um cenário geral no jornal Folha de S. Paulo, as tabelas 1, 2, 3, e 4 apresentam os números de materiais levantados a partir das buscas. As seguintes tabelas são divididas em duas colunas, a primeira exibe o número total de matérias encontradas em cada ano e que se encaixaram nos critérios estabelecidos. Na busca, também foram identificados materiais que apenas mencionam a palavra-chave no corpo do texto e não desdobram o termo na matéria. Por isso, esses resultados também são apresentados na segunda coluna, identificada como “Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal”.

Tabela 1 - Folha de S. Paulo - palavra-chave: surdez

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	2	2
2017	9	3
2018	8	7
2019	11	10
2020	5	3
2021	9	4
2022	5	4

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Folha de São Paulo (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Tabela 2 - Folha de S. Paulo - palavra-chave: surdo

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	8	7
2017	17	10
2018	10	9
2019	20	14
2020	15	10
2021	23	17
2022	25	22

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Folha de São Paulo (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Tabela 3 - Folha de S. Paulo – palavra-chave: comunidade surda

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	0	0
2017	0	0
2018	3	3
2019	6	2
2020	1	0
2021	4	0
2022	0	0

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Folha de São Paulo (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

A quarta expressão, “povo surdo”, palavra-chave considerada para as buscas, não obteve resultados no site do jornal Folha de S. Paulo. Sendo assim, os resultados a serem mostrados a seguir referem-se à palavra-chave “Língua Brasileira de Sinais”.

Tabela 4 - Folha de S. Paulo – palavra-chave: comunidade surda

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	3	2
2017	3	0
2018	9	6
2019	9	6
2020	5	3
2021	16	8
2022	2	1

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Folha de São Paulo (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

As matérias escolhidas são de 2019 e 2021 e têm como títulos: “Alunos surdos reclamam de aula gravada e falta de intérprete” e “Alçada por primeira-dama, Libras tem gargalo de escolas e professores”. Os materiais foram encontrados a partir das palavras-chave surdo e comunidade surda, respectivamente.

A escolha dessas duas matérias se justifica por apresentar conteúdos mais aprofundados em relação a temática da surdez, além de percorrer os conceitos de identidade vistos na monografia e cobrir um espaço de tempo, já que são matérias de anos diferentes.

5. 1 ANÁLISE DA MATÉRIA “ALUNOS SURDOS RECLAMAM DE AULA GRAVADA E FALTA DE INTÉRPRETE”

Figura 1 - Cabeçalho da matéria 1



Fonte: Folha de São Paulo (2021)

Na matéria, publicada em 9 de setembro de 2021, Augusto, Gomes e Pauluze (2021) abordam a realidade de cinco estudantes surdos e um professor que expuseram as dificuldades de acompanhar as aulas online durante a pandemia de Covid-19.

5.1.1 Os termos utilizados

Na matéria, a linha de apoio é apresentada como “falta de vídeo ao vivo impede estudantes com deficiência auditiva de fazer perguntas”. O termo “deficiência” é usado para substituir a palavra “surdos” colocada no título. Entretanto, como visto no capítulo 2, as duas palavras não devem ser usadas como sinônimos porque grande parte dos sujeitos surdos não enxerga a surdez como deficiência.

Em Gesser (2009), pensar nos termos é importante porque afetam diretamente a vida dos sujeitos surdos. “A ‘falha’, a ‘insuficiência’ e ‘imperfeição’ que significam a palavra deficiência são as que rotulam a surdez do surdo, ou seja, o próprio indivíduo, que é qualificado pelo predicativo deficiente auditivo”. (GESSER, 2009 p. 65). Ainda de acordo com Gesser (2009), pelo viés cultural, a surdez não é deficiência “[...] o aspecto cultural da surdez é ainda mais difícil de ser aceito quando os discursos recaem e se fixam exclusivamente no fenômeno físico”. (GESSER. 2009 p. 67).

Outro termo identificado na matéria está presente na frase: “O problema se repete para a mãe de outras duas meninas surdas-mudas da capital mineira”. Na sentença, usa-se a expressão “surdas-mudas”. O termo não representa e é repudiado pela comunidade e povo surdo. Gesser (2009) traz o depoimento de um professor surdo. Ele ressalta que o sujeito surdo tem aparelho fonador, portanto, com treino e orientação ele pode se comunicar oralmente e, por isso, o termo “surdo-mudo” está incorreto.

5.1.2 Nuances identitárias

O material apresenta seis casos para ilustrar a pauta. O texto inicia apresentando Dennes Júnior Souza Costa, de 16 anos. O jovem é surdo e usuário de Libras, artefato cultural fundamental das pessoas surdas, como apresentado no capítulo 2 da monografia. A apresentação de Dennes, a descrição de sua experiência e a relação com a mãe marcam a presença de dois artefatos culturais mencionados no segundo capítulo, o desenvolvimento linguístico e a família.

O desenvolvimento linguístico se destaca pelo uso da Libras. Já o segundo artefato citado, a família, é identificado pela presença e exposição da relação do jovem com a mãe. Simone, que é a mãe, é ouvinte e se tornou fluente na língua de sinais para ter uma comunicação com o filho. No caso de Dennes, pela descrição do menino na matéria, é perceptível a visualização da sua identidade surda. A presença de língua de sinais, como sua língua, é determinante para o entendimento dessa identidade.

O artefato cultural família é visto nos quatro primeiros casos mostrados na matéria. Pelas informações mencionadas, é possível ter uma noção das diferentes formas por meio das quais as famílias lidam com a surdez dos menores. Tal compreensão é notável pelo detalhamento apresentado no texto. Em cada caso mencionado está presente a forma como cada menor se comunica e relaciona-se com os demais ao redor.

Após apresentar Dennes, a matéria traz o segundo caso. Aqui, apenas são mencionadas as irmãs descritas como “surdas-mudas”. O texto não deixa explícito se as meninas e mãe são usuárias da Libras e como se comunicam.

A terceira em ser apresentada é Antonella Zárate, menina surda de oito anos. Assim como Dennes, Antonella é usuária da Libras. Neste caso, a mãe sabe o básico da língua para ter uma comunicação com a filha. Os três relatos seguintes reforçam

ainda mais as diferentes identidades que pode se encontrar dentro dessa comunidade. Isabella, de nove anos, é apresentada como “surda ouvinte”. A menina usa implante coclear desde os dois anos de idade. Considerando a informação, pode-se entender que Isabella não faz parte da identidade surda, uma vez que faz uso de implante e é descrita como “ouvinte” na matéria. Assim, é possível associar a descrição de Isabella a uma das identidades conceituadas por Perlin (2016), a identidade flutuante.

A quinta estudante, pela descrição, também não faz parte da identidade surda. Eduarda Gaspar, de 14 anos, usa aparelho auditivo desde os quatro anos. Dos apresentados, ela é a única caracterizada como quem faz leitura labial. Com o uso do aparelho, assim como o caso de Isabella, visto anteriormente, entende-se que a jovem percorre na realidade ouvinte, podendo estar assumindo uma identidade surda incompleta.

O último caso traz o professor Leo Viturino, surdo de nascença e oralizado. Das pessoas citadas na matéria, o educador é o único descrito como “oralizado” e “sinalizado”. O texto não oferece mais informações sobre o professor e sobre a forma em que ele prefere se comunicar. Assim como não traz maiores detalhes em relação às meninas que usam aparelho e implante coclear e das irmãs “surdas-mudas”. Entretanto, as realidades expostas dão ao leitor uma noção da diversidade que existe quando se trata da comunidade e do povo surdo.

As diferentes identidades são apontadas, principalmente, ao compreender a forma que os sujeitos se colocam e experimentam a realidade. Aquele que vivencia o mundo visualmente e faz uso da cultura surda tende a se identificar como sujeito surdo, como visto em Perlin (2016). A presença de recursos auditivos e implante coclear extrai a possibilidade de um sujeito se reconhecer como surdo. Para os sujeitos que preferem seguir e estar dentro de uma cultura ouvinte, Perlin (2016) exhibe outras três identidades.

5.2 ANÁLISE DA MATÉRIA “ALÇADA POR PRIMEIRA-DAMA, LIBRAS TEM GARGALO DE ESCOLAS E PROFESSORES”

Figura 2 - Cabeçalho da matéria 2

The image shows the top section of a news article on the Folha de S. Paulo website. At the top, there is a navigation bar with 'MENU' and 'ASSINE' on the left, the newspaper's name 'FOLHA DE S. PAULO' in the center, and a search icon and 'BUSCAR' on the right. Below this is a secondary navigation bar with categories like 'cotidiano', 'educação', 'coronavírus', 'saúde', 'rio de janeiro', 'ambiente', 'mobilidade', and 'mortes'. A dark blue banner below that contains a subscription offer: 'Oferta Especial: 3 meses por R\$ 1,90/mês' and a yellow 'ASSINE A FOLHA' button. The main content area features a large headline: 'Alçada por primeira-dama, Libras tem gargalo de escolas e professores'. Above the headline is a small photo of a man and a logo for 'Rio de Janeiro Espresso'. Below the headline is a sub-headline: 'É preciso investir em escolas bilíngues e ampliar a oferta para formação de professores'. The text 'GOVERNO BOLSONARO' is visible above the main headline.

Fonte: Folha de São Paulo (2019)

Publicada em janeiro de 2019, a matéria de Petrocilo (2020) trata dos desafios de ensino e a falta de investimento para a formação de intérpretes de Libras no Brasil.

5.2.1 Os termos utilizados

O texto inicia tratando de uma situação que ocorreu com Neivaldo Zovico, surdo e usuário da língua de sinais. Com dores, Neivaldo não conseguiu comunicar o que estava sentindo e saiu do hospital sem o devido atendimento e medicação. Em seguida, a filha de Nídia Limeira de Sá também é apresentada. Ela conta que a filha surda precisou de um intérprete de Libras para que pudesse desenvolver o conteúdo visto em aula.

A partir das duas situações descritas, a matéria traz dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: “Neivaldo, a filha de Nídia e os mais de 9,2 milhões de brasileiros com deficiência auditiva, segundo Censo do IBGE, se encheram de esperanças com o discurso em Libras de Michelle Bolsonaro”. A sentença anterior também traz o termo “deficiente auditivo” como sinônimo de surdez. A expressão é trazida no texto outras quatro vezes.

5.2.2 Nuances identitárias

A matéria traz como foco principal a discussão em relação ao ensino da Libras e a qualificação de intérpretes. A presença do debate em relação ao uso, disseminação e ensino da língua ressalta a importância da língua de sinais para os sujeitos surdos. Como visto nos capítulos anteriores, essa é a língua mais fácil de ser aprendida pelos surdos.

Em Strobel (2016), considerações realizadas sobre a cultura surdas e as identidades propõe a indispensabilidade de refletir sobre a inclusão e exclusão desses sujeitos na sociedade como um todo. A matéria traz como exemplo o filho da própria Strobel, que precisou ser transferido de estado aos 11 anos para frequentar uma escola bilíngue. Foi com a transferência que o menino passou a absorver os conteúdos pedagógicos e desenvolver a escrita.

O texto aborda uma das grandes necessidades do povo surdo, as escolas bilíngues. A urgência de se pensar em mais escolas de tal modelo relembra a luta histórica do povo em que a educação oralista prevaleceu. A matéria informa, ainda, que o Brasil conta com oito cursos universitários para formar intérpretes. Segundo Gesser (2009, p. 47) o intérprete vem tendo um papel significativo para as interações entre surdos e ouvintes. Contudo, a autora disserta sobre a formação e o reconhecimento da profissão de intérprete. “No Brasil, ainda não há tradição na profissão ou formação específica desses profissionais da mesma forma que há para intérpretes de língua inglesa e francesa” (GESSER, 2009, p. 47).

A pauta principal da matéria relembra e aborda ideias já vista na monografia. A língua de sinais, segundo Sá (2002), é um meio importante para a construção da identidade surda. Para a autora, é por meio da língua que a identidade se constrói. A segunda ideia traz a reflexão acerca da educação dos surdos. Como visto nos primeiros capítulos, a história da educação do surdo passou variados obstáculos até chegar ao entendimento da necessidade de escolas bilíngues. Porém, o modelo ainda não é visto e reconhecido em todos os estados do Brasil.

A matéria traz a Libras como temática principal. Como foi visto anteriormente, o conteúdo aborda o ensino e escassez de professores da língua. A matéria traz como gancho o uso da língua pela primeira-dama, Michele Bolsonaro. No ano de 2019, a primeira-dama chamou atenção por discursar na posse à presidência usando a Língua Brasileira de Sinais. O fato foi notícia em muitos jornais, incluindo a Folha de S. Paulo.

Aqui, é possível perceber que o discurso feito em Libras foi uma das motivações para que a temática fosse pauta no jornal.

5.3 UM CENÁRIO GERAL: O QUE SE ENCONTRA NO NEXO JORNAL

Como visto anteriormente, no jornal Folha de S. Paulo, neste tópico também será apresentado um cenário geral em relação aos materiais encontrados no Nexó Jornal. A apresentação dos números ocorre da mesma forma. As tabelas 5, 6, 7 e 8 exibem as matérias encontradas a partir da busca das cinco palavras-chave no período determinado.

Na primeira coluna, tem-se os números totais de matérias encontradas divididas por ano. Na segunda coluna, os números correspondem somente às matérias que exibem uma das palavras no corpo do texto, mas que não desdobram a temática no material.

Tabela 5 - Nexó Jornal – palavra-chave: surdez

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	0	2
2017	0	0
2018	0	6
2019	0	6
2020	1	1
2021	0	8
2022	2	1

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Nexó Jornal (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Tabela 6 - Nexó Jornal – palavra-chave: surdo

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	0	0
2017	2	2
2018	1	1
2019	0	0
2020	0	0
2021	1	1
2022	4	2

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Nexó Jornal (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Tabela 7 - Nexo Jornal – palavra-chave: comunidade surda

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	0	0
2017	0	0
2018	0	0
2019	0	0
2020	0	0
2021	0	0
2022	1	0

Fonte: A autora (2022).

Nota: adaptado de: Nexo Jornal (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

Assim como o jornal Folha de S. Paulo, o Nexo Jornal também não apresentou resultados para a expressão “povo surdo”. Dessa forma, a Tabela 9 apresenta resultados da palavra-chave “Língua Brasileira de Sinais”.

Tabela 9 Nexo Jornal – palavra-chave: Língua Brasileira de Sinais

Ano	Número de matérias encontradas no total	Número de matérias em que a palavra aparece, mas não é a temática principal
2016	0	0
2017	0	0
2018	1	1
2019	1	1
2020	1	1
2021	0	0
2022	2	0

Fonte: A autora (2022).

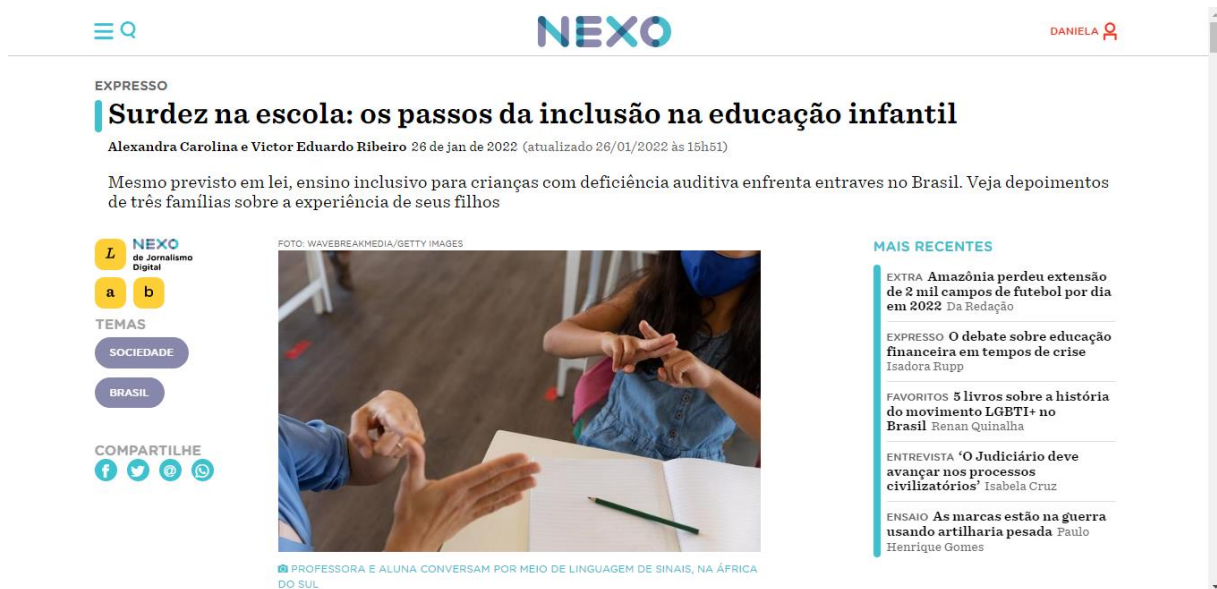
Nota: adaptado de: Nexo Jornal (2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022).

No Nexo Jornal, as duas matérias escolhidas são de 2022 e têm como títulos: “Surdez na escola: os passos para a inclusão na educação infantil” e “Como a surdez guiou o roteiro de ‘No ritmo do coração’”. A primeira matéria citada foi encontrada a partir de duas palavras-chave, “surdez” e “comunidade surda”. Já a segunda, foi encontrada a partir de “Língua Brasileira de Sinais”.

A escolha dessas duas matérias também se justifica por apresentar conteúdos mais aprofundados em relação a temática da surdez e percorrer os conceitos de identidade vistos. Diferente da Folha de S. Paulo, o Nexo Jornal não apresenta grandes números de matérias sobre a temática em anos anteriores a 2022.

5.4 ANÁLISE DA MATÉRIA “SURDEZ NA ESCOLA: OS PASSOS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL”

Figura 3 - Cabeçalho da matéria 3



Fonte: Nexo Jornal (2022)

Na matéria do Nexo Jornal, publicada em 26 de janeiro de 2022, Carolina e Ribeiro (2022), trazem um cenário acerca da inclusão dos surdos na escola. O texto expõe as diretrizes nacionais que se tem sobre o tema e cita os obstáculos que dificultam a inclusão dessas pessoas, além de apresentar os diferentes modelos de escola. Com a apresentação desse panorama, a matéria expõe falas de famílias de crianças surdas que contam da experiência escolar dos menores.

5.4.1 Os termos utilizados

Na linha de apoio, a matéria selecionada traz o termo “deficiente auditivo”, com o objetivo de usar como substituta da palavra “surdez”, utilizada no título. Novamente, os dois termos são tratados como sinônimos, deixando de dar atenção ao conceito identitário de cada um. O material traz subtítulos para tratar diferentes abordagens. Em um deles, nomeado de “Explicando alguns termos” o texto trata de seis expressões, divididos em dois subtópicos, frequentemente usadas para falar sobre a temática da surdez. A Figura 4 mostra as nomenclaturas e como são conceituadas no texto.

Figura 4 - Explicação de termos na matéria

Explicando alguns termos

SURDEZ LEVE OU MODERADA

- **Deficiente auditivo:** pode usar aparelhos auditivos comuns

SURDEZ SEVERA OU PROFUNDA

- **Surdo sinalizado:** se comunica por meio da Libras (Língua Brasileira de Sinais)
- **Surdo oralizado:** usa a língua portuguesa para falar (ainda que com 'sotaque') e faz leitura labial
- **Implantado:** usa implante coclear, um aparelho que pode recuperar parte da audição (precisa de manutenção; constante)
- **Bilíngue ou bimodal:** fala português oral e Libras
- **Surdo-mudo:** é uma expressão incorreta

Fonte: Nexo Jornal (2022)

Relembrando Heck (2021), considerar o viés socioantropológico para olhar a surdez é compreender a noção de diversidade e das diferentes identidades já vistas na monografia. Posteriormente, a matéria traz três histórias que abordam o desenvolvimento e vivências de crianças na escola.

5.4.2 Nuances identitárias

A primeira história narra a experiência de Isaac, um menino de oito anos que é morador da cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul. Isaac é descrito como um menino surdo que utiliza o implante coclear. Aqui, mais uma vez, o termo “surdo” é ligado a questões que não são consideradas parte da identidade surda, como é o caso do implante.

A trajetória de Isaac exemplifica conceitos e ideias vistos no capítulo 2, quando se fala em artefato cultural. Com oito meses, o menino passou a frequentar uma creche sem acesso a pessoas que soubessem se comunicar em língua de sinais. Isaac tinha o básico de contato com a língua em casa. Aqui, percebe-se a presença do segundo artefato cultural explicado por Strobel (2016), o desenvolvimento

linguístico. De acordo com a matéria, conforme Isaac crescia, ele desenvolvia os próprios sinais.

Em Strobel (2016, p. 52), sujeitos surdos que não têm contato com outros surdos podem acabar criando sinais para se comunicar. Esses sinais podem ser chamados de “sinais emergentes” e “sinais caseiros”. Após a cirurgia para colocar o implante coclear, a fonoaudióloga que o acompanhava ressaltou que o menino não deveria ser introduzido à língua de sinais.

Ao contrário do que recomendou a profissional, Maribel, mãe de Isaac, enxerga necessidade de introduzir o filho na língua de sinais. Novamente, se faz presente o artefato cultural da família. Além dessa percepção da mãe referente à necessidade de apresentar ao menino a Libras, também se nota a relação dela com a língua. De acordo com a matéria, Maribel esteve, por muito tempo, pesquisando vídeos na internet para que pudesse ensinar o alfabeto manual ao filho. Sem sucesso, a família decide mudar de cidade e vão para São Borja, no Rio Grande do Sul, onde Isaac teria maior assistência. A nova escola de Isaac é regular. Porém, para as aulas ele conta com o apoio de uma intérprete.

Por meio do texto, mais uma vez, tem-se o exemplo de uma nova identidade, um menino surdo com implante coclear e usuário de Libras. Aqui, tem-se mais um exemplo das múltiplas identidades que se desenvolvem nos sujeitos. Neste caso, entende-se que, por meio do implante, Isaac deve, em algum nível, permear pela cultura ouvinte e, por conta da alfabetização em língua de sinais, pela cultura surda.

O segundo caso traz Saulo, um menino surdo de quatro anos. A mãe conta da experiência escolar do filho. Aos quatro meses, o menino é matriculado em uma creche regular privada. “Tinha um professor de música que quando tocava violão colocava as mãos do Saulo no instrumento para ele poder sentir as vibrações do som”, essa é fala de Rita, mãe de Saulo. Essa adaptação citada pela mãe, também faz lembrar o artefato cultural artes visuais. Mencionado por Strobel (2016), esse artefato cita as músicas que podem ser usufruídas pelos surdos por meio das vibrações.

Aos dois anos de idade Saulo é transferido para uma escola bilíngue para surdos. Em um primeiro momento a mãe hesita. No caso do menino, a figura da fonoaudióloga também é mencionada. Aqui, a profissional aconselhou a deixar o menor em escola regular para que pudesse desenvolver a oralidade. Mais uma vez o artefato cultural da família é visto. Com Saulo, Rita estimula a fala e a língua de sinais, motivando a oralização e a língua espaçovisual.

Por último, a matéria apresenta Geovana. A menina tem quatro anos e é surda. Diferente dos casos anteriores, a mãe e o irmão de Geovana são surdos. Em Strobel (2016), a presença de outros integrantes surdos na família facilita que as crianças surdas tenham informações de outros artefatos culturais dos sujeitos surdos. Na matéria, é descrito que Geovana também tem aulas de Libras com a mãe, que é professora de Língua de Sinais. Esse processo torna a transmissão da cultura surda natural.

Como a matéria da Folha de S. Paulo, o texto publicado pelo Nexo Jornal também traz um panorama acerta do cenário escolar para as pessoas surdas. Geovana, assim como Isaac, também está matriculada em uma escola regular e conta com o apoio de intérprete para a inclusão.

5.5 ANÁLISE DA MATÉRIA “COMO A SURDEZ GUIOU O ROTEIRO DE ‘NO RITMO DO CORAÇÃO’”

Figura 5 - Cabeçalho da matéria 4

EXPRESSO

Como a surdez guiou o roteiro de ‘No ritmo do coração’

Cesar Gaglioni 28 de mar de 2022 (atualizado 29/03/2022 às 19h59)

Diretora fez adaptações no script para conseguir captar a essência dos personagens na Língua Americana de Sinais

TEMAS

CULTURA

COMPARTILHE

FOTO: DIVULGAÇÃO

EM ALTA

- 1 ENSAIO Não é incompetência nem descaso: é método Elliane Brum
- 2 EXTERNO Como se calcula a idade real dos cachorros Tiago Jokura
- 3 EXTRA Veja a lista das 32 seleções classificadas para a Copa de 2022 Da Redação
- 4 EXPRESSO 5 gráficos para entender 20 anos de preços da gasolina Marcelo Roubicek, Gabriel Zanlorensi e Lucas Gomes
- 5 EXTRA Mergulhadores acham mochila com pertences de Dom e Bruno Da Redação

CENA DE “NO RITMO DO CORAÇÃO”

Fonte: Nexo Jornal (2022)

A segunda matéria analisada do Nexo Jornal foi publicada em 29 de março de 2022. Gaglioni (2022) aborda como a temática da surdez foi conduzida no filme ganhador do Oscar neste ano. O texto mostra a adaptação na condução do roteiro com os atores e o processo de produção do filme.

5.5.1 Os termos utilizados

Para descrever a rotina de filmagens, a matéria traz a sentença: “Eles gravavam vídeos que sinalizavam o que deveria ser dito e os atores imitavam até decorar as cenas, uma versão adaptada do que acontece com atores capazes de ouvir, que repetem as próprias falas inúmeras vezes até memorizarem tudo”. A frase traz a expressão “capazes de ouvir” que pode ter um sentido pejorativo, já que o sujeito que assume a identidade surda, como visto, não vê a surdez como “incapacidade” ou “falta de algo”.

5.5.2 Nuances identitárias

Com a matéria tratando sobre o filme americano, o texto traz exemplos da comunidade surda dos Estados Unidos. A partir da matéria, é possível perceber as diferenças que existem entre a comunidade e povo surdo no Brasil e nos EUA e identificar algumas nuances trazidas anteriormente neste trabalho. Na matéria, a diretora do filme, Sian Heder, menciona a dificuldade em traduzir as expressões e piadas do inglês transcrito para a língua de sinais americana.

O desenvolvimento linguístico também se faz presente neste tópico, especialmente na fala da diretora. Aqui, fica exemplificado as características de uma língua espaçovisual, que é o caso da língua de sinais. Na matéria, a diretora menciona a dificuldade e falta de entendimento em adaptar o roteiro para American Sign Language, a ASL. Um dos motivos é porque, assim como na Libras, a ASL não conta com conectivos. Os relatos da diretora mostram, assim como diz Gesser (2009), que a língua de sinais tem uma estrutura própria e distingue da língua oral.

5.6 JORNALISMO, DIVERSIDADE E O LUGAR DO OUTRO

É preciso refletir acerca da pergunta: “quem é esse outro?” De acordo com Perlin (2003), existem variadas formas de ser considerado o outro. “Estas formas podem e devem estar ligadas a uma noção experiencial. Estas formas também podem e devem estar diretamente ligadas a imersão cultural” (PERLIN, 2003, p. 58). Seguindo com a autora, ela destaca a ideia de que é complexo narrar o outro

fielmente. “Sempre haverá uma alteridade total com seu secreto impenetrável” (BAUDRILLARD, 1994. p. 109 *apud* PERLIN, 2003, p. 60).

Evidenciando a alteridade, Duschatzky e Skiliar (2000) chamam atenção em relação aos discursos e retóricas a respeito das diversidades. Para os autores, algumas formas de lidar e representar essas diferenças podem motivar a ilusão de que está por vir grandes transformações culturais.

A questão é nos interrogarmos sobre nossas representações acerca da alteridade, dos estereótipos que nos convertem em aliados de certos discursos e práticas culturais tanto politicamente corretas quanto sensivelmente confusas. (Duschatzky e Skiliar, 2000 p. 164)

As formas de representação, como visto anteriormente, estão altamente ligadas ao jornalismo. Com os conceitos em mente, a pergunta principal deve se voltar a respeito do lugar desse outro no campo jornalístico. Quando a pauta trata de um determinado grupo, quais os termos principais utilizados? Quando a matéria trata de outros sujeitos, quais as situações em que são vinculados frequentemente? Quando esse outro é a pauta? Considerando as reflexões e as respostas para esses questionamentos, é possível começar a ter uma noção de como o meio jornalístico vem desenhando a imagem daquele que se tem como o outro.

De acordo com Urquiza (2017, p. 25), “[...] a construção da representação desses sujeitos nas narrativas jornalísticas não se distancia muito do que a sociedade em geral pensa a respeito desses Outros”. O jornalismo está dentro dessa sociedade e, por consequência, tende a reproduzir e refletir as ideias já construídas socialmente. Alguns pré-conceitos já podem ser identificados logo no início da produção da pauta, dependendo dos caminhos, fontes e enfoques dados pelo jornalista:

Enquanto instrumento de orientação, a pauta jornalística é elaborada pelo jornalista que exerce a função de editor e funciona como uma bússola, indicando o caminho, o que o repórter deve fazer, quem serão suas fontes de informação, questionamentos a serem feitos, os enfoques e angulações que a reportagem deverá ter, assuntos por onde deverá percorrer o texto jornalístico, inclusive indicação dos contatos a serem procurados. Há pautas que chegam com entrevistas agendadas – com data e horário definidos. De certa forma, o próprio posicionamento do veículo de comunicação pode estar explícita ou implicitamente presente na pauta. (URQUIZA, 2017, p. 32).

Ainda de acordo com Urquiza (2017), a pauta pode ser desenvolvida a partir de um acontecimento específico, indicações ou pesquisas exploratórias, resultando em materiais de profundidade. A autora segue a reflexão questionando os assuntos que

devem e se tornam pauta jornalística. É o mesmo questionamento lançado por Silva (2014, p. 25): “o que leva um acontecimento, em detrimento de outro, a receber o estatuto de notícia?” Para ajudar a responder à pergunta, o autor destaca a importância da ideia de “desvio” como padrão que determina o que deve ou não ser notícia. O conceito dado explorado por Silva (2014), está ligado àquilo que foge do cotidiano.

Também levando em consideração o conceito de “desvio”, Urquiza (2017) ressalta que cada contexto sociocultural determina o que é normal e o que causa estranhamento. Assim como determina quem é o outro ou não. São essas determinações socioculturais que irão moldar as imagens de cada sociedade em relação a diferentes grupos. O jornalismo, por fazer parte desse “bolo social”, como diz Dines (2009, p. 70), também segue os mesmos moldes.

Essas ideias pré-estabelecidas são o que fazem diversos grupos se posicionarem e assumirem uma postura de resistência ao redor do mundo. Entretanto, existe certa complexidade em desassociar desse outro as ideias que, na realidade, não fazem parte de sua identidade, mas que se vincularam a sua imagem de algum modo. Do ponto de vista jornalístico, Urquiza (2017) procura encontrar as lacunas que motivam na reprodução dessas concepções.

Em muitos casos, a produção do conteúdo jornalístico vem sendo gerida pela urgência. Assim, a preocupação com a publicação do material, as concepções já pré-existentes e os padrões de produção podem influenciar nas narrativas. “Narrar apenas a mesmidade, sem considerar a alteridade e a diferença tem sido a regra” (URQUIZA, 2019 p. 27).

Segundo Lago (2010), o jornalismo se destaca por conta da sua responsabilidade social, que engloba as ideias de interesse público, democracia e cidadania:

No entanto, para que possa cumprir esse caminho, o jornalismo deve ser plural e não apenas seguir a velha fórmula de deixar pontos de vista diferentes sobre um determinado tema ocupar o mesmo espaço editorial. A ideia de pluralismo é bem mais profunda e implica em contemplar e incorporar o Outro [...]. (LAGO, 2010, p. 167)

Lago (2010) ainda reflete sobre a inserção desse outro no campo jornalístico. Segundo a autora, desenvolver um jornalismo que retrata esse outro é uma dificuldade da área, mas também da formação dos profissionais. É preciso que os futuros

jornalistas percebam a necessidade dessa narrativa que respeite as diferenças e identidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou como as pautas relacionadas ao sujeito e à cultura surda vêm sendo tratadas nos meios digitais de dois jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo e o Nexo Jornal. A partir das cinco palavras-chave determinadas: surdez, surdo, povo surdo, comunidade surda e Língua Brasileira de Sinais fez-se um levantamento de matérias publicadas em ambos os jornais, de 2016 a 2022.

A partir da busca obteve-se um levantamento que permitiu dar início às análises das matérias. A busca originou resultados diversos. A palavra “surdo” era associada ao instrumento musical, a governos que ignoravam e ignoram as necessidades de uma nação, às consequências de uma doença e a outros tópicos. Nas buscas, viu-se, também, que o termo “Libras” era associado à moeda britânica e ao signo do zodíaco. Esses resultados, desconexos do tema desta pesquisa, foram os responsáveis por motivar a repensar as formas de buscas.

De início, enxergou-se muitos resultados, mas a realidade era que poucos tratavam da temática e tinham o surdo como pauta e figura principal. Todas as matérias que não apresentavam as palavras no corpo do texto foram desconsideradas. A partir do levantamento realizado, percebeu-se alguns movimentos que devem ser ressaltados.

A palavra-chave “comunidade surda” teve um crescimento considerável em 2019. As notícias identificadas no ano, em sua maioria, faziam ligação com o discurso em Libras de Michele Bolsonaro, a primeira-dama do atual governo. Todas as matérias buscadas em 2019 que se encaixaram nos critérios estabelecidos para o trabalho, faziam referência a Michele ou usavam de gancho o discurso e o engajamento da primeira-dama com o tema para abordar a temática da surdez. Esse movimento foi identificado, principalmente, no jornal Folha de S. Paulo.

Em um ano de Surdolimpíadas, 2022, o fato de não se encontrar nenhuma matéria sobre o evento chamou atenção. Pela primeira vez, as Olimpíadas para surdos foram realizadas no Brasil. Esse é o evento multiesportivo mais antigo, atrás dos Jogos Olímpicos, mas, mesmo assim não teve destaque nos meios pesquisados. ([INFORMAÇÕES GERAIS] 2022)

Também é preciso ressaltar a forma em que as palavras-chave estiveram presentes nas buscas. A expressão “povo surdo”, por exemplo, não identificou

nenhum conteúdo nos jornais. Esse termo não se fez presente em momento algum, mesmo quando a matéria trazia ou se referia a outros sujeitos surdos.

A partir da coleta dos materiais, também se notou como esse sujeito se torna personagem nas matérias. Em sua maioria, textos de maior profundidade destacavam as dificuldades vividas por esse público. O quanto retratar apenas temáticas como essa podem colaborar para reforçar estereótipos em relação a esse povo?

Além do viés, também foram vistos os principais termos usados para a descrição desses sujeitos. Expressões como “deficiente auditivo”, “implante”, “mudos” e “aparelho auditivo” estiveram presentes nas matérias analisadas e, como visto em Perlin (2016), esses termos não são considerados parte da identidade surda. Por isso, é preciso ter atenção ao relacionar e descrever o povo dessa forma.

Considerando o que foi visto na presente monografia, entende-se que os dois jornais analisados ainda não consideram o fator de identidade, representando a comunidade, em muitos casos, de forma estereotipada. Lago (2010) ressalta que o jornalismo, por assumir um papel social significativo, deve se preocupar em representar e contar com essas pessoas que, geralmente, são consideradas como “outros”. Como diz a autora, assumir essa postura não é tão fácil porque, antes de pensar no campo jornalístico, é preciso refletir sobre a formação desses profissionais e o quanto essas diferentes visões de mundo têm sido valorizadas e entendidas pelos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Leonardo; GOMES, Larissa; PAULUZE, Thaiza. Alunos surdos reclamam de aula gravada e falta de intérprete. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/alunos-surdos-reclamam-de-aula-gravada-e-falta-de-interprete.shtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

AYRES, Alessandra; DIDÓ, Andréia. **Libras & ELS**. Porto Alegre: [s. n.], 2021. *E-book*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1H0ix1en3ldj_mIRZUa5MxPphQJ_k6qTr/view. Acesso em: 1 maio 2022

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [s. l.], n. 6, p. 71–98, 2011. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1785_. Acesso em: 13 maio 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Planalto, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 maio 2022.

CAROLINA, Alexandra; RIBEIRO, Victor Eduardo. Surdez na escola: os passos da inclusão na educação infantil. **Nexo Jornal**, São Paulo, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/01/26/Surdez-na-escola-os-passos-da-inclus%C3%A3o-na-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil#:~:text=A%20maior%20dificuldade%20no%20processo,de%20interesse%20da%20crian%C3%A7a%20aprender>. Acesso em: 15 maio 2022.

CARVALHAL, Antônio Carlos de Oliveira. **Comunicação comunitária: uma releitura dos principais conceitos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4424/1/425432.pdf>. Acesso em: 22 maio. 2022.

DINES, Alberto. **O Papel Do Jornal E a Profissão Do Jornalista**. São Paulo: Summus, 2009. *E-book*. Consultado em editora de livro eletrônico por assinatura. Disponível em : <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/35428/pdf/2>. Acesso em: 18 jun. 2022.

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. Os Nomes dos Outros. Reflexões sobre os Usos Escolares da Diversidade. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 160 – 177, 2014. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/46855>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ERLIN, Gladis T.T. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5880#:~:text=A%20perspectiva%20que%20o%20p%C3%B3s%20colonialismo%2C%20o%20p%C3%B3s%20destruturalismo,naturalmente%20envolve%20um%20processo%20vital>. Acesso em: 02 jun. 2022.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

FREIRE FILHO, João. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **Revista Eco-Pós**. [s. l.], v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120. Acesso em: 13 maio 2022.

FREITAS, Thais Araújo de. **Representações sociais de pessoas com deficiência em notícias do portal G1**. 2021. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229194>. Acesso em: 30 abr. 2022.

GAGLIONI, Cesar. Como a surdez guiou o roteiro de 'No ritmo do coração'. **Nexo Jornal**, São Paulo, 28 de mar. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/28/Como-a-surdez-guiou-o-roteiro-de-%E2%80%98No-ritmo-do-cora%C3%A7%C3%A3o%E2%80%99#:~:text=%E2%80%9CLogo%20descobri%20que%20a%20minha,duas%20preparadoras%20de%20elenco%20surdas>. Acesso em: 15 maio 2022.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Editora Afiliada, 2011.

GONÇALVES, Radaí Cleria Felipe. **O silêncio eloquente**: a gênese do Imperial Instituto de Surdosmudos no século XIX (1856-1896). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2015. Disponível em: http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/5eed975f85f594fd8b365d1d5c60bc82/teses_dissertacoes/5_5eed975f85f594fd8b365d1d5c60bc82_2016-04-26_19-45-10.pdf Acesso em: 20 abr. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, STUART. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.
HECK, Gabriela Sehnem. **Popularização da ciência e inclusão de surdos**: um estudo sobre espaços museais acessíveis. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Escola

Politécnica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9802>. Acesso em: 6 abr. 2022.

[INFORMAÇÕES GERAIS]. **CBDS**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://cbds.org.br/cbds>. Acesso em: 18 jun. 2022.

LAGO, C. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian journalism research**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 156–170, 2010. DOI: 10.25200/BJR.v6n1.2010.253. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/253#:~:text=Parte%20do%20pressuposto%20que%20o,incorpora%C3%A7%C3%A3o%20da%20alteridade%20como%20referente>. Acesso em: 6 abr. 2022.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAKAGAWA, Hugo Eiji Ibanhes. **Culturas surdas**: o que se vê, o que se ouve. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e comunicação) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8801>. Acesso em: 12 maio 2022

OLIVER, Sacks. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

O QUE É FENEIS. **Feneis**, [s. l.], [2021] Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/> Acesso em: 23 abr. 2022.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016.p. 51- 73.

PETROCIOLO, Carlos. Alçada por primeira-dama, Libras tem gargalo de escolas e professores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/alcada-por-primeira-dama-lingua-de-libras-tem-gargalo-de-escolas-e-professores.shtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

REIS, Elaine da Silva. Construção discursiva do sujeito surdo em charges que circulam na internet. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2016. Disponível em http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID2535_12102016055510.pdf. Acesso em: 18 maio 2022.

RODRIGUES, Guilherme. Marília Mendonça foi a primeira a usar Libras nas lives: 'Marco da comunidade surda', diz intérprete. **G1**, Goiás, 6 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/11/06/marilia-mendonca-foi-a-primeira-a-usar-libras-nas-lives-marco-da-comunidade-surda-diz-interprete.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SANTOS, Adalzisa Ramos dos. **Surdez, identidade e cultura no contexto da língua brasileira de sinais**. 2011. Artigo monográfico de especialização (Especialização em educação especial) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Palmas, 2011. Disponível em https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16539/TCCE_EEDCES_EaD_2010_SANTOS_ADALZISA.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTOS, Rosilene Aparecida Froes; SOUSA, Márcio Jean Fialho; SANTOS, Rosana Froes. O grito da gaivota: reverberação da cultura surda. **Revista Práxis**, [s. l.], v. 1, p. 139–153, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.2420>. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2420>. Acesso em: 10 maio 2022.

SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. **Crêterios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicaçôes. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In SKLIAR, Carlos (org). **A Surdez**: Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 7- 49.

SOCIEDADE DOS SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL. Sobre a SSRS. **Sociedade dos surdos do Rio Grande do Sul**, [s. l.],[2022]. Disponível em: <https://ssrs.org.br/sobre-a-ssrs/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Santa Catarina: Editora UFSC, 2016.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting**: língua de sinais no papel e no computador. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>. Acesso em: 02 jun. 2022.

URQUIZA, Moema Guedes. **O lugar do outro na narrativa jornalística**: um olhar a partir da cultura. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/3199/1/O%20lugar%20do%20outro%20na%20narrativa%20jornal%20C3%ADstica%20%20um%20olhar%20a%20partir%20da%20cultura.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br